

## A METODOLOGIA ATUAL DO PAIC ALIADA AOS MEIOS DIGITAIS: UMA PROPOSTA DE MULTILETRAMENTO PARA AS SALAS DE 2º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Clevania Almeida Benevides Pereira <sup>1</sup>

### RESUMO

O relato de experiência aqui apresentado refere-se a uma pesquisa em salas de segundo ano do ensino fundamental sobre a introdução de meios digitais nas aulas apresentadas pelo programa de alfabetização na idade certa ( PAIC). O objetivo é fundamentar por meio de avaliações comparativas de proficiência leitora e escrita o avanço das turmas avaliadas diante das metodologias utilizadas nas duas turmas. Os autores aqui referenciados foram ROJO e MOURA, Emília Ferreiro e Magda Soares. Pretendemos nessa pesquisa, mostrar a necessidade que se tem de apresentar aos professores em suas formações novas técnicas de letramento, deixando-as a serviço de salas de alfabetização, numa visão mais ampla de uma pedagogia de multiletramento.

**Palavras-chave:** multiletramento, meios digitais, leitura, escrita, PAIC.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um relato de experiência realizado em salas de segundos anos do ensino fundamental da rede pública do Ceará numa nova abordagem dentro do programa que assiste o estado, PAIC.

O Programa de Alfabetização Na Idade Certa (PAIC), política pública voltada para a educação do Ceará, inserida desde 2007, tem como objetivo principal alfabetizar crianças até o segundo ano/série do ensino fundamental.

O programa se mantém há mais de dez anos. O mesmo dispõe de material estruturante para os alunos e acompanhamento didático pedagógico para os professores. Cada município é responsável pelas formações continuadas que acontecem uma vez a cada mês. Os professores são acompanhados na própria escola por técnicos e coordenação pedagógica, que dão suporte de acordo com a necessidade dos alfabetizadores.

Desde que foi implantado, o PAIC apresenta uma proposta de alfabetizar letrando, onde o aprendiz se apropria de vários gêneros textuais, que são apresentados diante de uma “rotina” praticamente pronta, na forma de planejamento diário, onde o professor tem passo a passo da sua aula, com dicas e sugestões dadas pelo próprio programa, assim como relata o próprio material disponibilizado no site da SEDUC:

---

<sup>1</sup> Graduada em licenciatura Plena- Ciclos I e II, Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato, CE. [clevaniabenevides2014@hotmail.com](mailto:clevaniabenevides2014@hotmail.com)

O mesmo constitui-se de sugestões de Rotinas Didáticas, incluindo os componentes curriculares previstos na BNCC para o 1º e 2º ano do ensino fundamental, sugestões de Tempos Didáticos para Língua Portuguesa e Matemática e de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas, pensadas para atender a heterogeneidade dos alunos. ( SEDUC, 2018, p.5)

De acordo com a citação acima, tirada da proposta curricular do programa, entendemos que o pacto propõe uma metodologia séria e pluricultural, porém, deixa o professor “amarrado” a todas as propostas, onde existe um tempo para todos os segmentos do programa, a saber: tempo para gostar de ler, tempo da oralidade e tempo da escrita. Para todos esses componentes existem atividades pré-determinadas dentro da proposta de letramento, o que leva o alfabetizador a se acomodar com o que já tem em mãos, deixando de aprimorar seu trabalho e introduzir novas metodologias, dentro da realidade que se vive hoje, que é a entrada das tecnologias digitais como ferramentas para a atuação pedagógica.

Nasce aí a pergunta que norteou essa pesquisa: O professor alfabetizador não está fazendo uso das ferramentas digitais por se acomodar com a metodologia que já vem definida para sua rotina didática?

É notório que os gêneros digitais estão adentrando com força em nossa sala de aula, seja de forma direta ou indireta. Barrar essas novas tecnologias e ascensões digitais é ir de contramão aos avanços de um mundo globalizado. ROJO e MOURA ( 2012) entendem que essas novas transformações no ensino/aprendizagem, exigem dos professores e dos alunos inovações dentro desse contexto, assim eles afirmam que:

Tais modalidades passaram a exigir do leitor- no caso escolar do aluno e do (a) professor (a) – a aquisição e o desenvolvimento de outras habilidades de leitura e escrita, dependendo das modalidades utilizadas, ampliando a noção de letramentos para múltiplos letramentos. A ampliação desse conceito vem dar conta da diversidade de semioses que co-ocorrem nos textos encontrados hoje nas mídias: visual ( uso das imagens), sonoro ( uso dos sons), verbal ( uso das línguas), para citar os mais recorrentes. ( p.76)

Essa realidade social tem trazido alguns desconfortos para alguns profissionais que não estão familiarizados com esse novo olhar dentro de uma pedagogia de multiletramentos.

É nessa perspectiva que surge essa proposta, onde se entende que um programa com mais de uma década, apesar de uma metodologia pluricultural e diversificada no tangente a gêneros textuais e atividades estruturantes, permanece estático, deixando seus professores acomodados e a mercê de suas próprias orientações pedagógicas.

Diante do exposto, entende-se a necessidade de introduzir a tecnologia digital às salas de alfabetização. É inadmissível que em tempos em que se exige práticas letradas mais significativas, os docentes utilizem somente a velha prática de alfabetizar. Faz-se necessário aprimorar os padrões, fazendo uso de outros recursos, como lousa digital, Datashow, tablets e o próprio celular na sala de aula, entendendo que a multimodalidade não é uso exclusivo do professor, mas também do aluno. Cabe ao professor mediar esse processo do multiletramento, dinamizando suas aulas, atendendo às demandas da atualidade, que exigem a introdução de novos saberes, especificamente da utilização dos recursos digitais.

Para tanto, temos aqui, como objetivo, mostrar como a entrada de textos multimodais em salas de alfabetização, mais especificamente em salas de segundo ano, pode colaborar com uma aprendizagem significativa, contribuindo com uma pedagogia de multiletramento, entendendo que não basta alfabetizar, mas sim letrar, dentro de uma análise crítica e relevante.

## **METODOLOGIA**

Para atender a proposta dessa pesquisa, recorreremos pela abordagem qualitativa, e a modalidade pesquisa-ação. Gil, 2002, define a pesquisa-ação como uma “*forma de ação planejada, de caráter social, educacional, técnico ou outro.*” (p. 56). Esse tipo de modalidade tem sido comumente usado por professores pesquisadores, pois traz condições de analisar e refletir sobre as próprias práticas. A questão da metodologia utilizada em sala de aula será o objeto desse estudo, uma vez que a pesquisadora analisará a introdução de textos e modalidades digitais dentro do programa de educação em que o estado do Ceará está inserido.

A abordagem escolhida é a qualitativa. A análise do desenvolvimento da proficiência leitora e escrita dos aprendizes será o foco principal dessa pesquisa, onde se fará uma análise comparativa de duas turmas, usando ferramentas digitais dentro da proposta efetiva do PAIC, enquanto a outra permanecerá com aulas planejadas pelo PAIC, sem alteração de novas metodologias.

Nesse tipo de pesquisa o pesquisador fica mais livre para analisar os dados, que serão descritivos de acordo com seu olhar pedagógico e analise através de bibliografias pré-estabelecidas do corpo desse trabalho. Assim, contribui PRODANOW, 2013:

O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. ( p.70)

De natureza qualitativa o pesquisador avaliará de acordo com as abordagens, os níveis alfabéticos de escrita em que se encontram os alunos, nas duas turmas, antes e depois da pesquisa.

A pesquisa será bibliográfica de modo a reunir materiais que servirão para pesquisas posteriores. Todas as análises serão vistas e analisadas sobre o ponto de vista de autores aqui mencionados no desenvolvimento desse, com o objetivo de embasar os resultados de forma concreta.

O estudo foi feito na Escola em que a pesquisadora trabalha como coordenadora: Escola de Ensino Fundamental I Dom Vicente de Paula Araújo Matos, na cidade de Juazeiro do Norte, Ceará. Escolheu-se esse local pela comodidade e conhecimento da comunidade, o que facilita a análise dos resultados.

A pesquisa foi realizada com todos os alunos de duas salas de 2º ano (crianças com faixa etária de 7 anos) concomitantemente, em turnos diferentes, onde em uma sala foi aplicada as metodologias e inovações aqui expostas. Em outra, foram dadas aulas normalmente como vem sido aplicadas, dentro do Programa de Alfabetização na Idade Certa. A pesquisadora observou e planejou as aulas juntamente com as professoras, já que é coordenadora também dessas turmas. O objetivo foi poder analisar não só o desenvolvimento cognitivo, mas a motivação e comportamento dos alunos para as aulas.

A pesquisa foi aplicada todos os dias durante um bimestre nas aulas de Língua Portuguesa, ou seja, seis aulas de quarenta e cinco minutos por semana.

Os instrumentos que nortearão essa pesquisa é a análise diante da interpretação e análise de diversidades de textos, além da proficiência em escrita de textos feitos pelos alunos, através de instrumentais de avaliação para este fim. A análise “é a tentativa de evidenciar as relações existentes entre o fenômeno estudado e outros fatores”. (LAKATOS, 2003, p.167). Os instrumentais analisados avaliaram o desempenho dos alunos, participação, assiduidade e proficiência leitora e escrita dos alunos nas duas turmas, assim também como a motivação e estratégias das professoras.

## **DESENVOLVIMENTO**

O processo de alfabetização e a proficiência leitora e escritora dos alunos até o fim do ensino fundamental I tem sido tema de debates e pesquisas para que se possa chegar ao objetivo principal da escola como instituição social: fazer com que seus alunos façam uso da língua de forma social e crítica, tanto na forma escrita, como oral.

O Programa de Alfabetização na Idade Certa (PAIC) teve o cuidado de selecionar em seu material pedagógico diversidades de gêneros textuais se apropriando do pluriculturalismo em que se está inserido seu público. O material acolhe textos de domínio público, entre outros, e traz uma sequência didática voltada para esses gêneros. Ainda assim, é carente do uso de novas técnicas, como as digitais, apesar de que existe dentro da proposta o uso do programa digital Luz do Saber, mas é limitado para apoio de alunos com dificuldades de aprendizagem.

O trabalho com gêneros textuais é uma modalidade agregada à contemporaneidade para a alfabetização e letramento, onde o discurso de alfabetização atual tem sido marcado pelas linguagens verbais, visuais e corporais.

Os termos alfabetização, letramento, multiletramento e multimodalidade são ainda confundidos em seus conceitos pelos alfabetizadores atuais. Referenciaremos nesse trabalho as contribuições de Emília Ferreiro e Magda Soares na influência que têm nos estudos sobre alfabetização e letramento, além de Roxane Rojo, Eduardo Moura e outras referências teóricas durante toda abordagem desse trabalho.

Num mundo globalizado, dinâmico e cheio de novidades, faz-se necessário um olhar para novas formas de ensinar e aprender. As tecnologias, que avançam consideravelmente, abrem os olhos daqueles que outrora entendiam que ensinar a ler e a escrever partia apenas dos apoios dos livros didáticos, cartilhas e metodologias repassadas de seus próprios mestres.

O termo “letramento”, considerado novo, aponta para uma ideia de fazer uso da leitura num contexto social, de maneira funcional, onde podemos nos apropriar não somente dos códigos alfabéticos, mas também e principalmente dos sentidos. De acordo com Magda Soares, 2004, o termo letramento surge “*com a necessidade de reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita.*” (SOARES, 2004, p.6). A autora ainda afirma que o termo letramento parte da insuficiência de conceitos da amplitude do alfabetizar, resumindo apenas ao ato de ensinar a ler e escrever. Letrar é, acrescenta Soares:

O desenvolvimento de comportamento e habilidades do uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais: distinguem-se tanto relação aos objetivos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos de

aprendizagem e, portanto, também de ensino desses diferentes objetos. (SOARES, 2004, p.97)

Podemos diante do exposto afirmar que na alfabetização o indivíduo é capaz de decifrar os códigos alfabéticos, ler e escrever fonemas e sentenças. Entendia-se que o indivíduo alfabetizado dominava o sistema alfabético e os códigos de escrita, e isso bastava.

Para o letramento o significado é bem mais amplo e abrangente, é a tomada da consciência do que se está lendo e escrevendo, seja verbalmente ou não. Portanto, nesse sentido, o letramento se inicia antes da alfabetização e ultrapassa essa em seu significado, obedecendo às suas particularidades e aos sujeitos aprendizes, observando a sua forma de aprender, interagir e contextualizar.

Nessa mesma linha de pensamento, Emília Ferreiro, constrói uma nova significação para o insucesso da alfabetização e do não letramento, apresentando um novo termo para o fenômeno, “iletrismo”. Segundo a autora:

Iletrismo é o novo nome dado a uma realidade muito simples: a escolaridade básica universal não assegura a prática cotidiana da leitura, nem o gosto de ler, muito menos o prazer da leitura. Ou seja, há países que têm analfabetos (porque não asseguram um mínimo de escolaridade básica a todos seus habitantes) e países que têm iletrados ( porque, apesar de terem assegurado esse mínimo de escolaridade básica, não produziam leitores em sentido pleno). (FERREIRO, 2012, p.16).

Ou seja, pela fala da autora, é responsabilidade do país/região/estado/município, assegurar, diante de suas políticas públicas uma educação satisfatória, resultando em sujeitos letrados e dominantes de sua língua materna em todas as suas diversidades.

As práticas de letramento estão cada vez mais fazendo parte da rotina pedagógica. A grande variedade de textos e gêneros textuais estão evidenciados no cotidiano escolar e não podem mais fugir da realidade contemporânea.

O multiletramento entra nessa nova pedagogia não somente com variedades de gêneros textuais, mas com formas diversificadas de letrar, atendendo a demanda social da utilização da leitura e escrita. A pedagogia do multiletramento entra na rotina escolar por aglutinar textos híbridos onde a análise dos mesmos não podem se limitar somente em aulas ditas “tradicionais”.

O termo foi apontado e estudado ainda em 1996, por um grupo de pesquisadores de Nova Londres, onde já se via a necessidade, pelas emergências dos novos gêneros, os digitais, letrar tomando como base também as tecnologias e a diversidade cultural. Portanto, o multiletramento está a serviço da pedagogia quando se utiliza a tecnologia e o uso de meio

digitais para pesquisar, criar blogs, rede social onde os alfabetizados possam ser autores de seus próprios textos. Nessa perspectiva, ROJO (2012) percebe a importância da mudança da pedagogia no que se refere às várias formas de ensinar, observando que frente a essas mudanças, a escola precisa se posicionar criticamente para atender as novas demandas da sociedade contemporânea. Para a autora:

A chegada cada vez mais rápida e intensa das tecnologias ( com o uso cada vez mais comum de computadores, Ipods, celulares, tablets etc.) e de novas práticas sociais de leitura e de escrita ( condizentes com os acontecimentos contemporâneos e com os textos multissemióticos circulantes) requerem da escola trabalhos focados nessa realidade. Ocorre que, se houve e se há essa mudança nas tecnologias e nos textos contemporâneos, deve haver também uma mudança na maneira como a escola aborda os letramentos requeridos por essas mudanças. (ROJO, 2012, p.99)

Os textos multimodais estão a serviço do multiletramento e entram para mudar o cenário de comunicação. Textos de diversos gêneros, verbais ou não-verbais, híbridos, que combinam imagem, estáticas ou não, presentes principalmente em textos digitais. A literatura em muitas modalidades é atraente e não pode deixar de ser como ferramenta indispensável na rotina didática nas salas de alfabetização. Dessa forma, Rojo ainda acrescenta:

Há mais que alfabetização na comunicação, e os multiletramento abordam a construção do significado de forma multimodal. Propostas multimodais trazem significado não apenas na modalidade escrita, mas em todas as modalidades. A aprendizagem se dá em um novo ambiente de comunicação, em que a verdadeira língua/linguagem aparece/acontece. (ROJO, 2012, p. 41)

Diante dessa proposta, não se concebe mais uma pedagogia fora dos moldes digitais, visto que o conhecimento hoje não está preso aos muros da escola, nem muito menos às paredes das salas de aulas.

### **O caminhar da nossa proposta**

Logo após de uma conversa com as professoras, em um dos nossos momentos de formação continuada, discutimos sobre a necessidade de diversificar as aulas e introduzir técnicas digitais, complementando e implementando as aulas já propostas pelo programa. Decidimos que seria dividida em duas turmas a pesquisa e que faríamos uma comparação entre as duas. As professoras aceitaram o desafio e tivemos uma semana para fazer uma avaliação dos níveis e hipóteses alfabéticas dos alunos, montar as sequências didáticas, decidir as modalidades e montar os instrumentais avaliativos.

Decidiu-se por trabalhar os descritores exigidos nas matrizes de referência do PAIC. Como estávamos no primeiro bimestre ainda, escolhemos os descritores 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7 no eixo 1 e os descritores 10, 11, 12 e 13 no eixo 2. ( Matriz de referência para avaliação-SPAECE)<sup>2</sup>. Esses componentes também seriam trabalhados na proposta curricular do PAIC durante o bimestre.

Procuramos textos apresentados no livro do aluno no Youtube, e enquanto uma turma assistia aos vídeos, a outra permanecia no livro apresentado no livro.

As atividades foram feitas no computador e celular disponibilizados pela própria escola, como jogos de palavras, com o aplicativo do Luz de Saber Infantil.

Foram planejadas apresentações de HQ no computador, de modo que as crianças tiveram acesso a manusear os mesmos, assim como uma coletânea que foi montada na sala de gibis, trazidos pelos próprios alunos. As atividades do livro do aluno não foram negligenciadas, depois da visualização das histórias, debates e manuseio das mídias, os alfabetizando resolviam suas atividades de acordo com a rotina do PAIC.

Em cada aula a pesquisadora aqui apresentada, ficava uma hora em cada sala, observando as reações, participações e motivações, tanto dos alunos, quanto dos professores. Elaboramos um instrumental com quesitos relevantes a se observar em cada aula. No fim do bimestre foi feita uma avaliação de desempenho nas duas turmas e coletamos dados, além da leitura, a proficiência na escrita em textos curtos.

Assim obtivemos respostas as nossas perguntas e uma análise crítica sobre a proposta do programa, estratégias e como ele vem sendo aplicado na sala de aula e apresentado aos professores em suas formações mensais.

No tópico abaixo, esclareceremos com detalhes nossas conclusões e discussões.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As turmas analisadas foram turmas de 2º ano, com 22 alunos em cada turma, nos turnos matutino e vespertino.

Aplicamos a avaliação com todos os alunos e verificamos que em grande parte, eles estavam no nível silábico alfabético. Na tabela a seguir, sintetizamos os resultados prévios das turmas: turma 1 ( a ser submetidas a novas metodologias digitais) e turma 2 ( a que continuará com a metodologia proposta pelo PAIC ).

---

<sup>2</sup> Disponível em <http://www.spaece.caedufjf.net/o-sistema/matriz-de-referencia/> acesso em 08 de julho de 2019.

Sondagem aplicada em 05 de março de 2019

Turmas	Níveis de escrita			
	Pré-silábico	Silábico	Silábico alfabético	Alfabético
Turma 1 22 alunos	7	15	2	0
Turma 2 22 alunos	8	13	1	0

Percebe-se que as duas turmas estavam praticamente no mesmo nível, o silábico, onde apresentavam uma leitura silabada e conseguiam corresponder uma letra para cada valor sonoro ( maioria) ou uma sílaba para cada valor sonoro ( alguns), apesar de que, a turma 2 apreendeu mais alunos no nível pré-silábico e menos no silábico-alfabético.

Observamos que a turma 2 começou bastante tímida, apresentavam dificuldades em manusear o computador mas tinham mais familiaridade com o celular, claramente por ser um instrumento digital mais usado em suas casas. As aulas dinâmicas lhes enchiam os olhos e não se cansavam de pedir a vez para praticarem as atividades propostas nos instrumentos. As aulas expositivas, como no Youtube ( contos que são apresentados no material do PAIC, como a história do Lobo Mau e Os Três Porquinhos<sup>3</sup>) e Histórias em Quadrinhos apresentadas no Data Show.

O aplicativo do programa Luz do Saber nos auxiliou em algumas atividades, mas ficou difícil o manuseio por não termos instrumentos suficientes para todos os alunos.

O comportamento da Turma 1 manteve-se mediano, e por mais que o material estruturado seja acessível, com cartelas didáticas, com recortes e colagens, não notou-se o mesmo entusiasmo que na turma 2. Todas as aulas foram assim, a professora tentando chamar a atenção para o objetivo daquela aula e se esforçando para que todos participassem efetivamente.

É notório que aulas dinâmicas, com introdução de instrumentos digitais e mídias trazem mais motivação à turma, não somente às crianças, mas também aos professores. Eles próprios sentem a necessidade de emergir as TICs<sup>4</sup> no processo de alfabetização e letramento. Nesse pensar, ROJO e MOURA ( 2012) contribuem afirmando que:

<sup>3</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=N84TDkRoG0o>. Acesso em 10 de julho de 2019.

<sup>4</sup> Tecnologia da Informação e Comunicação

Elaborar material didático que recorra a vídeos em língua portuguesa é um caminho para a construção e circulação de conhecimento na escola, uma via para que as atuais tecnologias digitais possam adentrar a sala de aula. Desafio que a escola deve assumir se não quiser perder o clique da história. (p. 60)

A motivação na aula e participação foram notados nitidamente em maior proporção na turma 2. Mas o nosso objetivo principal dessa pesquisa foi observar se a entrada dos meios digitais nas salas de segundo ano podia contribuir para uma aprendizagem significativa, se os níveis de leitura e a proficiência em escrita teriam maiores resultados, e nesse olhar, comprovamos que sim, pois a mesma na primeira avaliação, analisada crítica e pedagogicamente, apresentava resultados mais preocupantes que a turma 1.

Sondagem aplicada em 07 de junho de 2019

Turmas	Níveis de escrita			
	Pré-silábico	Silábico	Silábico alfabético	Alfabético
Turma 1 22 alunos	5	9	6	2
Turma 2 22 alunos	2	6	9	5

Podemos observar que o nível silábico alfabético aumentou consideravelmente e que esses alunos estão se aproximando da compreensão do sistema de escrita.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Começo analisando de forma positiva o Programa de Alfabetização na Idade Certa ( PAIC) um pacto que vem auxiliando professores a alfabetizar e letrar seus alunos de forma eficaz e contínua, podemos comprovar com os resultados do IDEB do último ano e a posição do Estado do Ceará na proficiência leitora em relação aos outros estados do país.

Porém, de acordo com a pesquisa aqui exposta, suas metodologias precisam ser revisadas, as mesmas permanecem praticamente as mesmas desde a sua implantação.

Os professores anseiam por novas técnicas, mas não recebem formações para tal, além de que, as escolas são precárias e não dispõem em sua maioria, de laboratórios ou computadores disponíveis, o que torna difícil o trabalho. Entendemos que os professores precisam ser incentivados e apoiados, eles viveram em outra época e também estão aprendendo agora a utilizar os meios digitais.

Essa pesquisa foi relevante na escola em que foi apresentada, pois pudemos discutir os resultados não só com os professores das salas avaliadas, mas de uma forma geral, entendendo que precisamos de formações e mais aprofundamento no assunto.

## REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília; Passado e presente dos verbos ler e escrever. 4 ed. São Paulo : Cortez, 2012. ( Coleção questões de nossa época, vol. 38)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa.** 25ª edição. São Paulo. Paz e Terra, 1996

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª ed. São Paulo, Atlas, 2002.

LaKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica 1** Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. -São Paulo : Atlas 2003.

PRODANOW, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César. **Metodologia do Trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2ª ed. Novo Hamburgo, RS, 2013

ROJO, Roxane Helena R. **Multiletramentos na escola/** Roxane Rojo, Eduardo Moura {Org.} São Paulo: Parábola Editorial, 2012

SOARES, Magda. **Letramento e Alfabetização: as muitas facetas.** Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. Revista Brasileira de educação. Jan/Fev/Mar/Abr 2004, nº 25. Disponível em [www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf). Acesso em 20 de dezembro de 2018

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos.** UNESP. Disponível em <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>. Acesso em 20 de dezembro de 2018